



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE FINANÇAS E CONTABILIDADE
CURSO DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS**

KYZZE ALMEIDA BARBOSA

**COOPERATIVAS DE CRÉDITO: MAPEAMENTO DAS CARACTERÍSTICAS
DEMOGRÁFICAS, GERENCIAIS E FINANCEIRAS NA REGIÃO NORDESTE DO
BRASIL**

**JOÃO PESSOA
2017**

KYZZE ALMEIDA BARBOSA

**COOPERATIVAS DE CRÉDITO: MAPEAMENTO DAS CARACTERÍSTICAS
DEMOGRÁFICAS, GERENCIAIS E FINANCEIRAS NA REGIÃO NORDESTE DO
BRASIL**

Monografia apresentada ao Curso de Ciências Contábeis, do Centro de Ciências Sociais Aplicadas, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Wenner Gláucio Lopes Lucena.

**JOÃO PESSOA
2017**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

B238c Barbosa, Kyzze Almeida.

Cooperativas de Crédito: Mapeamento das Características Demográficas, Gerenciais e Financeiras na Região Nordeste do Brasil / Kyzze Almeida Barbosa. – João Pessoa, 2017.
36f.: il.

Orientador(a): Pro^{fa} Dr.^a Wenner Glaucio Lopes Lucena.
Trabalho de Conclusão de Curso (Ciências Contábeis) – UFPB/CCSA.

1. Cooperativas de Crédito. 2. Instituição Financeira. 3. Mapeamento. I. Título.

UFPB/CCSA/BS

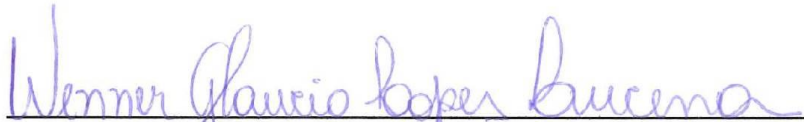
CDU:657(043.2)

KYZZE ALMEIDA BARBOSA

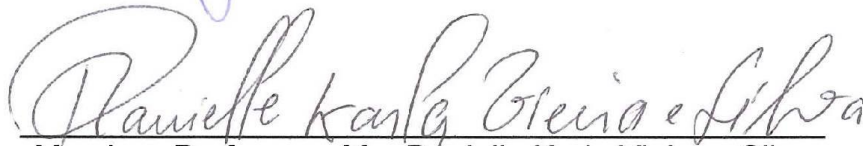
**COOPERATIVAS DE CRÉDITO: MAPEAMENTO DAS CARACTERÍSTICAS
DEMOGRÁFICAS, GERENCIAIS E FINANCEIRAS NA REGIÃO NORDESTE
DO BRASIL**

Esta monografia foi julgada adequada para a obtenção do grau de Bacharel em Ciências Contábeis, e aprovada em sua forma final pela Banca Examinadora designada pela Coordenação do Curso de Ciências Contábeis da Universidade Federal da Paraíba.

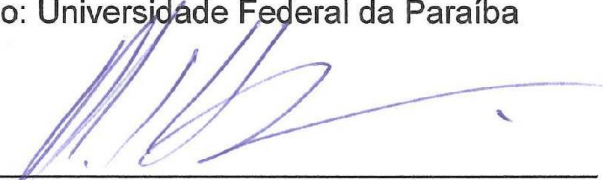
BANCA EXAMINADORA



Presidente: Professor Dr. Wenner Gláucio Lopes Lucena
Instituição: Universidade Federal da Paraíba



Membro: Professora Ma. Danielle Karla Vieira e Silva
Instituição: Universidade Federal da Paraíba



Membro: Professor Me. Marcelo Pinheiro de Lucena
Instituição: Universidade Federal da Paraíba

João Pessoa, 15 de maio de 2017.

Dedico este Trabalho ao meu esposo FABRÍCIO MATEUS COSTA DE LIMA, por toda ajuda e paciência dedicada até a conclusão desta etapa, e a minha mãe MIRIAM ALMEIDA DE ARAÚJO, pelo exemplo de pessoa e pelo apoio em cada momento da minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Dr. Wenner Glaucio Lopes Lucena pela valiosa orientação para execução deste estudo

Ao meu pai Antônio Carlos Barbosa pela preciosa ajuda e apoio para efetivação deste trabalho.

RESUMO

As cooperativas de crédito têm como uma das suas principais características o alcance em municípios do interior do país onde os grandes bancos comerciais não têm interesse em atuar, o que qualifica potencialmente essas sociedades como importantes agentes de desenvolvimento social e econômico. O objetivo deste estudo é traçar as características demográficas, gerenciais e financeiras das cooperativas de crédito, participantes de um sistema que atua na região Nordeste do Brasil no período de 2013 a 2016. Este estudo emprega estratégia de pesquisa descritiva e representa o grupo amostral de 18 cooperativas de crédito, sendo 1 cooperativa central e 17 cooperativas singulares. As cooperativas estudadas representam 52% das cooperativas filiadas aos dois maiores sistemas do Brasil. No período analisado foi identificada a movimentação de R\$ 1.782.358.483,26 em ativos financeiros, e esse montante possibilitou a concessão de 260.847 empréstimos e 5.348 financiamentos. Esses números também representam o crescimento gerado para as comunidades onde operam as cooperativas.

Palavras chave: Cooperativas de Crédito. Instituição Financeira. Mapeamento.

ABSTRACT

Credit cooperatives have as one of their main characteristics reach in municipalities of the interior of the country where large commercial banks have no interest in acting, which potentially qualifies these societies as important agents of social and economic development. The objective of this study is to outline the demographic, managerial and financial characteristics of credit cooperatives participating in a system that operates in the Northeast region of Brazil in the period from 2013 to 2016. This study employs a descriptive research strategy and represents the sample group of 18 credit cooperatives, being 1 central cooperative and 17 singular cooperatives. The cooperatives studied represent 52% of the cooperatives affiliated to the two largest systems in Brazil. In the period under review, the movement of R \$ 1,782,358,483.26 was identified in financial assets, and this amount allowed the granting of 260,847 loans and 5,348 financing. These numbers also represent the growth generated for the communities where cooperatives operate.

Key words: Credit Cooperatives. Financial Institution. Mapping

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pontos de Atendimento na Região Nordeste	23
Figura 2 - Organograma Simplificado de uma Cooperativa Singular	27
Figura 3 - Liquidez Realizada nas 17 Cooperativas Singulares	29
Figura 4 - Evolução dos Depósitos.....	30
Figura 5 - Evolução dos Empréstimos.....	32
Figura 6 - Evolução dos Financiamentos	33
Figura 7 - Evolução dos Financ. Rural e Agroindustrial	34

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Apresentação das Cooperativas	24
Tabela 2 - Representação dos Depósitos	30
Tabela 3 - Carteira de Empréstimo	31
Tabela 4 - Carteira de Financiamento	32
Tabela 5 - Carteira de Financiamento Rural e Agroindustrial.....	33

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
1.1	Problema de Pesquisa	11
1.2	Objetivos	11
1.2.1	Objetivo Geral	11
1.2.1	Objetivos Específicos	12
1.3	Justificativa	12
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	Teoria da Contingência	13
2.2	Cooperativismo no Mundo	14
2.3	Cooperativismo no Brasil	17
3	METODOLOGIA	20
3.1	Tipologia da Pesquisa	20
3.2	Procedimentos Metodológicos	21
3.3	Universo e Amostra	22
3.4	Delimitação do Estudo	22
4	APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS	23
4.1	Dados Demográficos e Gerenciais	23
4.2	Dados Financeiros	28
5	CONCLUSÃO	35
	REFERÊNCIAS	37
	APÊNDECE A - Carteira de Crédito das Cooperativas	40
	APÊNDICE B - Pontos de Atendimento por Estado	44
	APÊNDICE C - Dados para Cálculo da Liquidez	45
	APÊNDICE D - Dados por Cooperativa para Cálculo da Liquidez	46

1 INTRODUÇÃO

Há pouco mais de cem anos o cooperativismo de crédito foi implantado no Brasil, e desde então é evidente o crescimento e a força que este sistema tem alcançado. Segundo dados da Aliança Cooperativa Internacional – ACI (2015), organismo mundial de representação do movimento, uma em cada sete pessoas no mundo é associada a uma cooperativa, o que faz com que o cooperativismo tenha a perspectiva de se consolidar como o modelo empresarial que mais cresce em todo o planeta.

A escolha pelo cooperativismo é motivada principalmente pelo desejo de guardar o próprio dinheiro em uma instituição financeira que atue pautada em valores sólidos como a ética, a cooperação e o cuidado com a comunidade.

Dentro ou fora do Brasil às cooperativas de crédito possuem os mesmos serviços e produtos dos bancos comerciais, como cartão de crédito, seguros, máquinas de auto-acendimento, e várias opções de empréstimos e financiamentos. A diferença está em quanto é possível economizar no final de cada mês.

As cooperativas de crédito conseguem oferecer tarifas e taxas médias mais baixas do que os bancos comerciais, afinal elas não foram criadas para dar lucro aos acionistas e sim para atender as necessidades e beneficiar os associados, que são os verdadeiros donos do negócio. Outro diferencial das cooperativas é o resultado financeiro obtido no final de cada ano, nos bancos comerciais esse resultado é chamado de lucro e é repassado aos acionistas, já nas cooperativas esse resultado sempre volta para o cooperado.

Além disso, as cooperativas têm por princípio o cuidado com a comunidade, os recursos utilizados na forma de empréstimos são investidos na própria localidade, assim é motivado um ciclo virtuoso de desenvolvimento gerando mais emprego e renda na região em que atuam.

Quem guarda dinheiro em uma cooperativa conta com a mesma proteção dada aos clientes de um banco comercial, nas cooperativas a proteção é realizada pelo Fundo Garantidor do Cooperativismo de Crédito (FGCOOP), uma entidade criada para fortalecer o cooperativismo de crédito no Brasil. Na prática o FGCOOP funciona como um seguro, cada cooperado tem até R\$250.000,00 garantidos em depósitos e investimentos, ou seja, ajuda a cuidar da solidez do cooperativismo de crédito brasileiro monitorando o desempenho das instituições associadas.

Segundo a Agenda Institucional do Cooperativismo (2015) as cooperativas financeiras têm como uma das suas principais características o alcance de 400 municípios do interior do país, onde as grandes entidades não têm interesse em atuar, o que qualifica potencialmente essas sociedades como importantes agentes de desenvolvimento social e econômico.

De acordo com os dados do Banco Central do Brasil - BACEN, em dezembro de 2015 as Cooperativas Financeiras administravam ativos totais de R\$ 240 bilhões, considerando os ativos do Banco do Sistema de Crédito Cooperativo - SICREDI e do Banco Cooperativo do Brasil - BANCOOB. Esse resultado representa uma participação de 2,88% no total de ativos do mercado financeiro brasileiro e coloca às cooperativas de crédito na 6ª posição do *ranking* das maiores instituições financeiras do país. As operações de crédito totais atingiram R\$ 100 bilhões, representando 2,97% do total do Sistema Financeiro Nacional e os depósitos de R\$ 112 bilhões representa 5,38%.

No Brasil verifica-se um número expressivo de cooperativas de crédito nas regiões sul e sudeste onde historicamente foi implantado esse sistema e já tem a aceitação arraigada. No Nordeste do Brasil o cooperativismo de crédito já é acessível a grande parte da população, entretanto, sua representatividade ainda tem uma vasta possibilidade de crescimento.

1.1 Problema de Pesquisa

Diante da relevância do cooperativismo de crédito, seu eminente crescimento no Brasil, mesmo no atual cenário de crise econômica, e da possibilidade de crescimento na região Nordeste do Brasil, surge o seguinte problema de Pesquisa: **Quais as características demográficas, gerenciais e financeiras apresentadas em um sistema de cooperativas que atua na região Nordeste?**

1.2 Objetivos

1.2.1 Objetivo Geral

O objetivo geral deste trabalho é traçar as características demográficas, gerenciais e financeiras das cooperativas de crédito, participantes de um sistema que atua da região Nordeste do Brasil.

1.2.1 Objetivos Específicos

Para atender ao questionamento do estudo foram definidos os objetivos específicos de acordo com as três áreas definidas conforme descrição:

- a) Verificar as características demográficas tais como: segmento, porte, Estado, número de cooperativas, número de pontos de atendimentos e o número de funcionários; gestores e conselheiros.
- b) Identificar as características gerenciais tais como: composição da liderança e dos conselhos de administração e fiscal, organograma estrutural de gestão, cargos e funções exercidas;
- c) Analisar as características financeiras tais como: Liquidez e nível de concessão de empréstimos, financiamentos e depósitos praticados nas cooperativas singulares filiadas ao sistema que atua na região Nordeste do Brasil.

1.3 Justificativa

No contexto da área financeira o cooperativismo de crédito tem a importante posição de facilitar o acesso ao crédito para os mais variados seguimentos, assim como, possibilitar o acesso aos serviços bancários nas regiões mais afastadas.

Sabendo que na região Nordeste existe a expectativa do crescimento no sistema de cooperativas de crédito, este estudo justifica-se pela necessidade de conhecer a sua atual representatividade e a estrutura nos aspectos demográficos, gerenciais e financeiros. As informações apuradas neste estudo são de grande importância para o meio acadêmico e econômico no que diz respeito aos levantamentos sobre instituição financeira no que tange as cooperativas de crédito, assim como para a comunidade no entendimento dos diferenciais competitivos deste sistema, possibilitando o poder de avaliação para escolhas mais acertadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Teoria da Contingência

Na teoria da contingência verifica-se que não existe um único, ou melhor, jeito de organizar. Nesse sentido, não a nada de absoluto nas organizações ou na teoria da administração. Chiavenato (1997) diz que a palavra contingência significa algo incerto ou eventual, que pode suceder ou não.

A Teoria da Contingência tem como finalidade utilizar modelos organizacionais mais flexíveis e orgânicos, buscando o alcance eficaz dos alvos com ênfase na tecnologia e no ambiente. Nesta teoria, tudo é relativo, então para alcançar o seu propósito concentra-se na estrutura da organização, espaço econômico, tecnologia da empresa e comportamento dos dirigentes. Marques (2012) enumera os fatores contingentes como ambiente, estratégia, porte, estrutura e tecnologia.

Para que as organizações possam se adaptar e atender as necessidade e expectativas do seu ambiente, elas precisam desenvolver novas estruturas organizacionais. A teoria contingencial dá lugar a estruturas modernas que consideram que não existe um único e melhor caminho para administrar, e que depende da situação.

Esta teoria surgiu a partir de varias pesquisas feita para verificar os modelos das estruturas organizacionais mais eficazes em determinados tipos de empresa. É possível dizer que essas pesquisas foram contingentes, no sentido em que procuram compreender e explicar o modo como às empresas funcionavam em diferentes condições que variam de acordo com o ambiente ou contexto que a empresa escolheu como seu domínio de operação.

As contingências externas podem ser consideradas oportunidades e imperativos ou restrições e ameaças que influenciam a estrutura e os processos internos da organização. De acordo com Donaldson (2007) os estudos evidenciam vários fatores chamados contingentes (estratégia, porte, incerteza com relação às tarefas, tecnologia, dentre outros) e para ser efetiva a organização precisa ajustar sua estrutura e seus fatores e, com isso, o ambiente.

De acordo com Pereira (apud CATELLI, 1999) como um sistema aberto, a empresa encontra-se permanentemente interagindo com seu ambiente. A interação

entre as expectativas e necessidades da comunidade e os produtos e serviços disponibilizados pela organização fazem parte do ambiente de tarefa que é o mais próximo e imediato de cada organização.

A abordagem contingencial propicia o entendimento dos relacionamentos entre fatores que influenciam a estrutura, a própria administração e a operação das atividades nas organizações. A adequação ou ajuste ocorre para evitar perda de desempenho, ou seja, quando uma contingência afeta a organização sua estrutura deve ser ajustada a essa contingência, caso contrário a mesma começa a perder eficiência. Assim, a busca pela eficiência é a finalidade do ajuste na estrutura.

2.2 Cooperativismo no Mundo

Existem inúmeros relatos de que o homem da antiguidade já vivenciava experiências de formas de cooperação no seu meio social. Bialoskorski Neto (2006) afirma que o cooperativismo e as formas de cooperação são algo de muito antigo na história da humanidade, existem registros sobre a cooperação e a associação solidária desde a Pré-História da civilização, em tribos indígenas ou em antigas civilizações como os Babilônicos.

De acordo com Pinho (2004), a produção e o consumo em comum, típicos dos mosteiros medievais são interpretados como cooperativas integrais por alguns estudiosos. Outros indicam as corporações de ofícios e as sociedades de auxílio mútuo da Idade Média como esquemas elementares de cooperativas ou pré-cooperativas.

O período da Revolução Industrial representou a passagem da sociedade rural para industrial, com isso o trabalho artesanal foi sendo substituído por máquinas movidas a energia de fontes naturais. Essas transformações trouxeram enorme impacto na organização da sociedade como um todo, na medida em que transformou o modo de fabricação de bens, até então, eminentemente baseado no trabalho humano e animal, em uma linha de produção industrial.

De acordo com Vicentino (2001) ao contrário do artesão da Antiguidade ou da Idade Média, o operário já não tinha o controle do conjunto da produção, sua responsabilidade era apenas de um processo do ciclo produtivo, e em troca da sua atividade mecânica recebia um “salário” alienando o fruto do seu trabalho ao capitalista, o que o transformava também em mercadoria.

Na medida em que crescia a produção nas indústrias movidas a energia a vapor, o trabalho de homens, mulheres e crianças se davam em condições sub-humanas, trabalhando juntos em ambientes indistintos e com salários que mal davam para satisfazer as necessidades básicas de alimentação e moradia. Esse contexto dividiu a sociedade entre aqueles que detinham o capital e os outros que não detinham, ou seja, entre os capitalistas e os trabalhadores.

O cooperativismo está situado na busca por alternativas que superassem o modelo da hegemonia do capital em detrimento do homem. Uma alternativa para somar a capacidade de indivíduos com as mesmas dificuldades dentro de um mundo de concorrência. Segundo Sales (2010) a cooperativa quase sempre surge em momentos de dificuldades e da consciência de fragilidade do homem dentro do mundo em que atua.

O movimento de trabalhadores que visavam uma reorganização econômica da sociedade e a consequente superação das mazelas que o capitalismo possibilita gerar fez nascer o cooperativismo.

De acordo com Reis Junior (2006) em 1844 foi criada a primeira Cooperativa em pleno regime de economia liberal, a Sociedade dos Probos Pioneiros de *Rochdale* (*Rochdale Society of Equitable Pioneers*), em *Maanchester* na Inglaterra.

Essa cooperativa tem importância histórica para o cooperativismo de modo geral, pois sintetizou em suas práticas e seu estatuto os elementos que mais tarde viriam a ser sistematizados pela Aliança Cooperativa Internacional (ACI)¹ nos princípios do cooperativismo, tornando-se a experiência-símbolo do cooperativismo da Europa Ocidental que inspirou o restante do mundo.

Rochdale era uma cooperativa de consumo coerente com o momento social, econômico e político de sua época e também visava à reforma da sociedade. De acordo com Pagnussatt (2004) foi com o objetivo comum de adquirir os bens de consumo domésticos, comprar ou construir casas, iniciar a fabricação de artigos e obter áreas de produção agrícola.

Entre outros, os projetos iniciais de *Rochdale* objetivavam a formação de um capital para emancipação dos trabalhadores e ela associados, mediante economias realizadas sobre a compra em comum de gêneros alimentícios; a construção de

¹ Aliança Cooperativa Internacional (ACI) é um órgão representativo do cooperativismo mundial, promove o modelo cooperativo de empreendedorismo social e intensifica o intercâmbio entre cooperativas nos campos doutrinários, educativos e técnicos.

casa para fornecer alojamento a preço de custo; a criação de estabelecimentos industriais e agrícolas para produzir direta e economicamente tudo o que for indispensável às necessidades da classe operária, como também assegurar trabalho aos operários desempregados ou que percebam salários baixos.

O cooperativismo evoluiu e conquistou espaço próprio definido por uma nova forma de pensar o homem, o trabalho e o desenvolvimento social. Por sua forma igualitária e social, o cooperativismo é aceito mundialmente e reconhecido como fórmula democrática para muito dos problemas socioeconômicos.

A partir da experiência de *Rochdale*, várias formas e modelos de cooperativismo foram criadas. No ramo de crédito, se destacaram os três tipos mais antigos e mais importantes do mundo: Raiffeisen, Schulze-Delitzsch e Luzzatti.

De acordo com Menezes (2004) Friedrich Wilhelm Raiffeisen era servidor público e também ocupou o cargo de prefeito de algumas cidades pobres alemãs onde implantou o ideal de cooperativismo para os camponeses em seu país.

Criado durante o século XIX o modelo Raiffeisen de cooperativa de crédito era tipicamente rural e segundo Oliveira (1979), os pequenos camponeses estavam sozinhos e sem forças para enfrentar a competitividade do mercado e a crise que atingiu a agricultura alemã em 1847.

Pinho (1977) afirma que as cooperativas de crédito Raiffeisen têm como característica: auxílio aos agricultores; o princípio cristão do amor ao próximo; admitem o auxílio filantrópico, preconizam a formação de um banco central para atender suas necessidades e a responsabilidade dos sócios de modo solidária e ilimitada. Esse modelo de cooperativa é popular na Alemanha até os dias de hoje.

O ramo do cooperativismo de crédito urbano teve outro alemão como pioneiro, Herman Schulze. Menezes (2004) afirma que foi em Delitzsch, pequena cidade alemã que o juiz Schulze-Delitzsch, ansiava solucionar os problemas econômicos e sociais que afligiam os moradores da região.

O juiz criou, em 1849, uma cooperativa de crédito destinada à classe média urbana composta por artesãos, comerciantes e pequenos industriais. Segundo Pinho (1977) apesar de ser uma cooperativa adaptada à classe média permitia a participação de qualquer cidadão indiferente da classe social.

Conforme verificado por Oliveira (1979) o princípio que inspirava a ação de Schulze-Delitzsch era o da auto-ajuda, por entender que enquanto as cooperativas

dependessem da doação de terceiros (estado e município), estaria faltando a verdadeira capacidade de sobreviver.

Luigi Luzzatti era descendente de rica família israelita de Veneza, de acordo com Menezes (2004) o professor universitário enxergava o cooperativismo como um instrumento transformador da sociedade decadente, por isso organizou em seu país uma cooperativa de crédito inspirada nos modelos Schulze-Delitzsch e Raiffeisen.

Luzzatti organizou a constituição do primeiro banco cooperativo em 1865 na cidade de Milão na Itália. Além disso as cooperativas no modelo Luzzatti tinham as características de não exigência de vínculo para associação, exceto os fatores geográficos, a aceitação de quotas de capital de pequeno valor, pequenas concessões de crédito sem garantias reais, dirigentes não remunerados e responsabilidade limitada ao valor do capital subscrito.

Diante das múltiplas associações cooperativas destacadas historicamente, os precursores destas idéias possibilitaram ao meio cooperativo uma base para propagação com exemplos dos objetivos e praticas.

2.3 Cooperativismo no Brasil

No Brasil o cooperativismo de crédito chegou em 1902, de acordo com Santos (2005) foi trazido pelo Padre Theodor Amstad e desenvolveu-se no município de Linha Imperial em Nova Petrópolis, Rio Grande do Sul.

Theodor Amstad trabalhava como missionário no interior do Rio Grande do Sul e desenvolvia trabalhos sociais nas colônias alemãs. O pároco foi responsável pela difusão do cooperativismo, fundando em Linha Imperial a primeira cooperativa de crédito do Brasil, denominada Caixa de Economia e Empréstimos Amstad, posteriormente batizada de Caixa Rural de Nova Petrópolis. Atualmente a cooperativa continua em atividade sob a denominação de Cooperativa de Crédito Rural de Nova Petrópolis.

Nesse período a Europa estava assolada com o desemprego e fez com que muitos imigrassem para o Brasil em busca de opções, os que para aqui vieram traziam entusiasmo e disposição para trabalhar, entretanto, encontraram no território brasileiro situação diversa daquela prometida.

De acordo com Santos (2005) em terras distantes dos centros urbanos e terrenos em pequenos vales, os imigrantes se depararam com dificuldade para o

plântio agrícola, além de não poder contar com o incentivo estatal na concessão de crédito, tanto no estímulo para investir nas terras, adquirindo insumos, quanto na estruturação, para construção de estradas, pontes, etc.

Os bancos privados viam a concessão de crédito como risco de investimento, e como última opção os colonos recorriam aos financistas mais abastados da região. Submetidos aos juros exorbitantes e com dificuldade para realizar os pagamentos os colonos precisavam vender suas terras para honrar as dívidas.

Então Amstad lhes apresentou o cooperativismo de crédito, que se tornou a alternativa para a situação econômica e social periclitante em que se encontravam. Após implementar a primeira cooperativa, o pároco permaneceu difundindo o cooperativismo, ajudando a fundar mais cooperativas e fortalecendo o espírito de cooperação pelo desenvolvimento sustentado, harmônico e democrático.

A primeira cooperativa de crédito no modelo Luzzatti foi constituída no município de Lajeado, no Rio Grande do Sul, em 1906. Denominada Caixa Econômica de Empréstimos de Lajeado, sua principal característica era a não exigência de vínculo para associação, qualquer pessoa, mesmo sem vínculo ao ramo rural poderia associar-se a cooperativa. Essa cooperativa permanece em atividade, sob a denominação de Cooperativa de Crédito de Lajeado – Sicredi Vale do Taquari RS, integrada ao Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi).

No período entre 1902 a 1964, surgiram também outras 66 cooperativas de crédito no Rio Grande do Sul que se baseavam, além do modelo de Luzzatti, pelo modelo Raiffeisen.

Em 2 de Dezembro de 1969 foi criada a Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), e no ano seguinte, a entidade foi registrada em cartório. Nascida oficialmente naquela que é a única representante e defensora dos interesses do cooperativismo Nacional, sociedade civil sem fins lucrativos, como neutralidade política e religiosa.

A Lei 5.764/71 disciplina a criação de cooperativas, porém restringiu a autonomia dos associados, interferindo na criação, funcionamento e fiscalização do empreendimento cooperativo. A limitação foi superada pela constituição de 1988 que proibiu à interferência do Estado nas associações, dando início a autogestão do cooperativismo.

Em 1995 o cooperativismo brasileiro ganhou o reconhecimento internacional. Roberto Rodrigues, ex-presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras (OCB), foi eleito o primeiro não europeu para a presidência da Aliança

Cooperativista Internacional (ACI). Este fato contribuiu também para o desenvolvimento das cooperativas brasileiras.

O cooperativismo brasileiro entrou no século XXI enfrentando o desafio da comunicação. Atualmente, estruturado é fundamental para a economia do país tem por objetivo ser cada vez mais conhecido e compreendido como um sistema integrado e forte.

3 METODOLOGIA

Para Pereira (2012) os procedimentos adotados para alcançar os objetivos estabelecidos a partir da problemática existente é a metodologia da pesquisa.

Nesse estudo foi ocultado o nome do sistema de cooperativas de crédito e das cooperativas singulares estudadas, portanto os dados de identificação foram alterados de forma a garantir o sigilo e o anonimato.

As cooperativas de crédito aqui representadas não estão enquadradas nas exigências da Resolução do Banco Central do Brasil Nº 4.401, de 27 de fevereiro de 2015 que dispõe sobre os limites mínimos do indicador Liquidez de Curto Prazo (LCR) e as condições para sua observância.

Nesse caso a metodologia de controle de liquidez verificada neste estudo é baseada na formalística utilizada no sistema estudado adaptando ao período de 2013 a 2016 um único padrão, uma vez que houveram alterações na política durante o período estudado.

Os dados levantados neste estudo foram somados e o montante encontrado representa numericamente o resultado das 17 cooperativas singulares analisadas neste estudo, a cooperativa central não está contemplada no montante pois seus valores já representam o somatório das 17 cooperativas filiadas.

Quando tratamos das cooperativas singulares, já estão sendo considerados os valores movimentados em todo os pontos de atendimento a elas relacionadas. Portanto a medida que é informado sobre valores correspondentes as 17 cooperativas singulares, entende-se que corresponde a 63 pontos de atendimento e que o a cooperativa central não entra na soma.

3.1 Tipologia da Pesquisa

O presente trabalho emprega estratégia de pesquisa descritiva, pois tem como objetivo descrever as características demográficas, gerenciais e financeiras das cooperativas de crédito de um sistema atuante na região nordeste do Brasil.

De acordo com Gil (2002) as pesquisas descritivas objetivam primordialmente a relatar as características de determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.

Quanto aos meios, foram utilizados dados documentais tais como arquivos, resoluções e políticas normativas particulares correspondentes à instituição estudada. Segundo Cellard (2008) a análise documental favorece a observação do processo e maturação ou de evolução de indivíduos, grupos, conceitos, conhecimentos, comportamentos, mentalidades, práticas, entre outros.

Quanto à abordagem este trabalho é uma pesquisa qualitativa, pois objetiva-se entender com profundidade os dados analisados sem a utilização de dados estatísticos.

3.2 Procedimentos Metodológicos

Quanto ao atendimento dos objetivos foram utilizados relatórios gerenciais que tratavam de assuntos como identificação da segmentação, número de pontos de atendimento, depósitos, empréstimos, financiamentos, caixa etc. Os relatórios foram disponibilizados em modelo .PDF e .XLS que em seguida foram tratados com a identificação dos pontos relevantes a este estudo e tabulados no Excel 2007 para sintetizar as informações de forma que possibilite a melhor análise e interpretação do conjunto.

As informações específicas sobre as cooperativas que atuam na região nordeste foram disponibilizados pela central estudada que apresentou os relatórios assim com as entrevistas não estruturada, segundo Laville e Dione (1999) a entrevista não estruturada é aquela em que é deixado ao entrevistado decidir-se pela forma de construir a resposta. Já Marconi e Lakatos (2007) afirmam que esse tipo de entrevista normalmente é realizada com perguntas abertas e podem ser respondidas dentro de uma conversa informal.

As entrevistas foram realizadas em forma de conversa, sem a utilização de questionários, e foram direcionadas aos colaboradores das áreas financeira e de gestão de riscos, as perguntas realizadas foram abertas e sem roteiro prévio e os dados coletados nas entrevistas foram tratados de maneira que pudesse nortear a estrutura desta pesquisa.

Também foram coletados dados disponibilizados publicamente em sítios de órgãos representativos do sistema financeiro nacional, como Banco Central do Brasil (Bacen), Aliança Cooperativa Internacional (ACI), Organização das Cooperativas do Brasil (OCB), assim como dos dois maiores sistemas de cooperativismo de crédito,

Sistema de Cooperativas de Crédito do Brasil (Sicoob) e o Sistema de Crédito Cooperativo (Sicredi) entre outros.

A partir dos dados coletados, foram alinhadas as informações de forma a atender os objetivos propostos neste estudo utilizando o programa Word 2007.

3.3 Universo e Amostra

Foi realizada consulta e coleta de dados documentais referentes a uma central de cooperativas de crédito da região nordeste.

Este estudo representa o grupo amostral de 18 cooperativas de crédito, sendo 1 cooperativa central e 17 cooperativas singulares, todas filiadas a um sistema atuante na região Nordeste do Brasil. O período analisado corresponde aos anos de 2013 a 2016.

3.4 Delimitação do Estudo

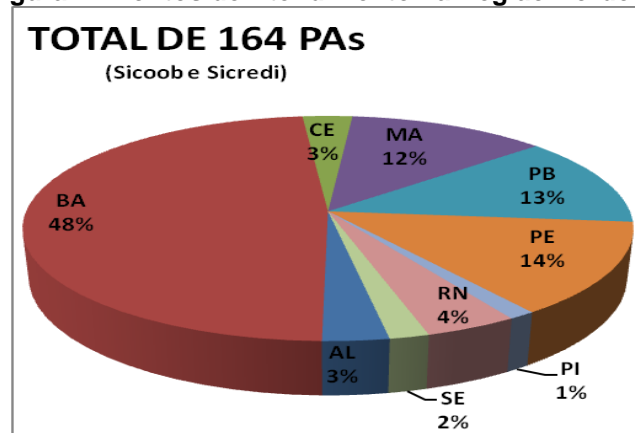
Este estudo teve a limitação referente às informações disponibilizadas pelo sistema tecnológico utilizado na central de cooperativas de crédito do sistema estudado, sabendo que a base de dados não armazena de forma auto-suficiente informações que antecedem o ano de 2013.

4 APRESENTAÇÃO E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Considerando as cooperativas de crédito filiadas aos dois maiores sistemas do Brasil (Sicoob e Sicredi), na região Nordeste estão concentrados 164 pontos de atendimento, que estão divididos em 138 pontos de atendimento de cooperativas filiadas ao sistema Sicoob e 26 pontos de atendimento de cooperativas filiadas ao sistema Sicredi.

O total de 164 pontos de atendimento de cooperativas de crédito está percentualmente distribuído nos estados do Nordeste conforme representação da Figura 1:

Figura 1 - Pontos de Atendimento na Região Nordeste



Fonte: Sítio do Sicoob e Sicredi (2017).

De acordo com a Figura 1, na região Nordeste do Brasil, 48% dos pontos de atendimento das cooperativas de crédito dos dois maiores sistemas estão localizadas no estado da Bahia, 39% compreende os estados do Maranhão, Paraíba e Pernambuco e os outros 13% está dividido entre os estados do Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Sergipe e Alagoas.

4.1 Dados Demográficos e Gerenciais

Os dados apresentados neste estudo correspondem a 64 pontos de atendimento, ou seja, 39% do total apresentado na Figura 1. Os pontos de atendimento deste estudo representa 17 cooperativas singulares que estão presentes em 7 estados da região Nordeste do Brasil.

Tabela 1 - Apresentação das Cooperativas

Nº	Coop.	Segmento	Porte	Estado	Dir.	Gestores	Conselho de	Conselho	Nº	Sede/
					Executiva	Contratados	Adm.	Fiscal	Func.	PAs
1	A	Central	Médio	PB	2	1	7	4	67	1
2	B	Servidor Público	Pequeno	CE	3	-	7	5	20	1
3	C	Servidor Público	Médio	AL	2	1	9	6	63	5
4	D	Servidor Público	Pequeno	PB	3	-	9	4	15	2
5	E	Servidor Público	Pequeno	RN	3	-	9	6	37	2
6	F	Servidor Público	Pequeno	PB	3	-	4	5	27	2
7	G	Servidor Público	Pequeno	PB	3	1	5	5	19	2
8	H	Livre Admissão	Médio	PE	2	2	7	6	120	21
9	I	Servidor Público	Pequeno	PI	3	1	7	6	19	1
10	J	Servidor Público	Pequeno	RN	3	-	4	5	7	1
11	K	Livre Admissão	Médio	MA	2	1	5	5	47	7
12	L	Livre Admissão	Médio	MA	2	1	6	6	51	7
13	M	Sem Depósito	Pequeno	PE	2	1	2	2	4	1
14	N	Sem Depósito	Pequeno	MA	2	1	2	2	3	1
15	O	Livre Admissão	Médio	PB	2	1	7	6	87	6
16	P	Empresários	Pequeno	PB	2	-	6	4	7	1
17	Q	Empresários	Pequeno	MA	2	1	4	5	12	2
18	R	Empresários	Pequeno	PB	2	1	12	6	11	1
TOTAL					43	13	112	88	616	64

Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

A cooperativa “A” descrita na Tabela 1 é uma cooperativa central, que necessita de no mínimo três cooperativas singulares filiadas para poder existir. A cooperativa central estudada tem como filiadas as outras 17 cooperativas singulares analisadas neste estudo. Ela organiza e desenvolve serviços em maior escala e com economia de custo, nela são centralizadas algumas atividades específicas do ramo do cooperativismo de crédito que são comuns a todas as cooperativas assim como questões jurídicas, contábeis, de gestão de negócios entre outras atividades.

Uma cooperativa central tem o objetivo de orientar as cooperativas singulares e possibilitar que elas desenvolvam suas atividades fim da melhor maneira, intermediando estas atividades com a Confederação² e o Banco³ ao qual fazem parte.

Na Tabela 1 é possível observar que das cooperativas estudadas, 8 têm o segmento voltado aos Servidores Públicos, esse grupo representa 47% das

² Segundo a legislação cooperativista Confederação é uma cooperativa de terceiro grau, possui personalidade jurídica própria, constituída pelas cooperativas centrais do sistema tem a finalidade de defender seus interesses, promovendo a padronização, supervisão e integração operacional, financeira, normativa e tecnológica.

³ O Banco Cooperativo é um banco comercial ou banco múltiplo constituído, obrigatoriamente, com carteira comercial com serviços e produtos financeiros para as cooperativas. Tem como controladores as cooperativas centrais de crédito, que detém no mínimo 51% das ações com direito a voto.

cooperativas singulares e abrange funcionários da rede pública municipal, estadual e federal, de acordo com o registro, como também as categorias como policiais, professores e alunos, técnicos administrativos, magistrados e etc.

As de Livre Admissão são 4 cooperativas e são as que estão ganhando espaço entre as cooperativas de crédito, como o próprio nome diz, essa categoria pode atender aos mais variados ramos de atividade independente da natureza. A possibilidade de atuação na livre admissão permite que as cooperativas tenham abertura para ampla participação no mercado possibilitando inclusive o acesso aos cooperados que não estão inseridos em segmentos específicos.

As 2 cooperativas Sem Depósito são aquela que não operam como serviço de conta-corrente, esse tipo de cooperativa trabalha basicamente com a concessão de empréstimos e geralmente esta ligada a um ramo de atividade específica, um dos exemplos verificado neste estudo é a cooperativa que atende metalúrgicos, sua sede fica dentro da fábrica e os empréstimos são realizados por consignação.

O segmento dos Empresários é representado por 3 cooperativas e destaca-se por ser uma categoria mais ampla que atende todos os ramos dos empreendedores, principalmente os microempresários como lojistas e outras atividades do comércio e serviços.

Outro fator relevante verificado na Tabela 1 é o porte das cooperativas estudadas, 13 das 18 cooperativas são de pequeno porte e as outras 5 são de médio porte. O porte das 18 cooperativas estudadas não se enquadra nas regras da Resolução do Banco Central do Brasil Nº 4.401, de 27 de fevereiro de 2015 que trata as condições para observância da Liquidez de Curto Prazo (LCR) entre outras exigências que são determinadas de acordo com o porte da instituição financeira.

Ressalta-se que os dados informados na Tabela 1 correspondem a cada cooperativa individualmente na última data disponível. Algumas das cooperativas estudadas tiveram sua situação alterada no decorrer do período entre 2013 a 2016, nesse período houve constituição de novas cooperativas assim como, a descontinuidade, o desligamento do sistema estudado, ou a incorporação, ou seja, tornando a singular em um ponto de atendimento de uma terceira cooperativa.

Em geral as cooperativas possuem de 2 a 3 membros na Diretoria Executiva, neste estudo 11 cooperativas possui 2 membros e 7 possuem 3 membros. O cargo de Diretor Executivo é eletivo com mandato de 4 anos, também podem haver

gestores contratados para composição da diretoria e/ou administração operacional e financeira, dentre as 18 cooperativas 12 possuem gestores contratados.

O cargo de presidente dos conselhos administrativo e fiscal, assim como demais membros, é submetido a eleições com mandato de 4 anos. Todas as cooperativas têm cooperados que fazem parte dos 2 conselhos simultaneamente, entretanto o presidente não faz parte de mais de um conselho, e os membros que fazem parte dos dois conselhos não ultrapassam o número de 2 pessoas.

Nenhuma das cooperativas estudadas tem a participação dos 10 maiores depositantes nos conselhos de administração e fiscal. Apesar de não ser uma exigência prevista no estatuto social das cooperativas, essa informação corrobora para que as decisões não tenham caráter tendencioso de acordo com interesses de grupos específicos.

O número de funcionário informado na Tabela 1 representa o total de cada cooperativa incluindo as agências que são pontos de atendimento ligados a uma cooperativa singular. Uma cooperativa recém constituída, que não tem ainda um número alto de cooperados associados, pode perfeitamente funcionar com o número mínimo de 5 funcionários para divisão das atividades operacionais e gerenciais, com exceção das cooperativas sem depósitos, que operam com um número menor de funcionários por não desempenhar todas as atividades/serviços disponíveis nos outros segmentos.

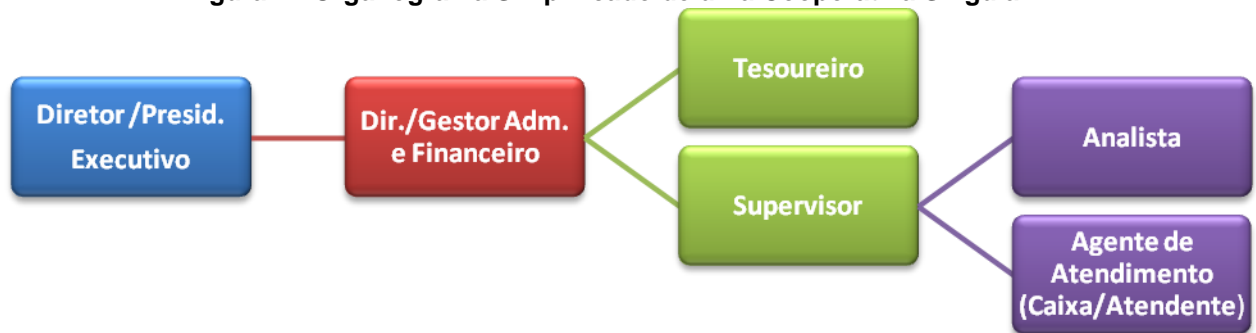
Destaca-se o número de funcionários das seis cooperativas de médio porte que representam 67% dos total de funcionários identificados. Essa informação é reforçada pelo fato de as 6 cooperativas também representarem as que mais possuem pontos de atendimento.

Os pontos de atendimentos informados na Tabela 1 correspondem em geral à mesma região de atuação das cooperativas singulares a que são filiadas. Entretanto, algumas cooperativas, nesse caso as quatro de Livre Admissão e uma de Servidor Público, rompem a barreira dos estados e até mesmo da região Nordeste com pontos de atendimento em localidades fora da redondeza onde iniciou suas atividades.

As 17 cooperativas singulares analisadas representam 57.803 cooperados com conta corrente ativa e com movimentação de R\$ 284.376.207,84 em ativos financeiros apurados em 2016.

Aos cooperados associados, para atender essa finalidade as cooperativas, de um modo geral, possuem um organograma simplificado que possibilite o menor nível de burocratização possível sem perder a garantia de atendimento diferenciado aos associados que são os seus sócios.

Figura 2 - Organograma Simplificado de uma Cooperativa Singular



Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

A Diretoria Executiva é encarregada da execução dos objetivos estatutários da Cooperativa, tem como finalidade cumprir as diretrizes estabelecidas pelo Conselho de Administração, bem como executar planos, metas e estratégias para garantir a adequada e eficaz consecução dos objetivos estatutários da Cooperativa.

Subordinada ao Conselho de Administração a Diretoria Executiva é composta por 02 diretores, sendo um Diretor Superintendente (principal Diretor Executivo da cooperativa), e pelo Diretor Administrativo e Financeiro.

O Diretor Administrativo e Financeiro, entre outros, tem o papel de assessorar o Diretor Executivo como também dirigir as atividades administrativas no que tange às políticas de recursos humanos, tecnológicos e materiais e às atividades fins da cooperativa (operações ativas, passivas, acessórias e especiais, cadastro, recuperação de crédito, etc.);

Em algumas cooperativas a função de Diretor Financeiro é designada para um gestor contratado que executa as atividades relacionadas com as funções financeiras (fluxo de caixa, captação e aplicação de recursos, demonstrações financeiras, análises de rentabilidade, de custo, de risco, etc.). Essa designação ocorre em grande parte pela experiência prática que um gestor contratado poderá desempenhar principalmente na fase inicial da cooperativa.

Os cargos de diretoria estão condicionados ao estatuto social da cooperativa, cada cooperativa singular possui um estatuto que determina as regras que serão

aplicadas para desempenho da atividade. A descrição verificada neste estudo é uma versão generalizada uma vez que não é possível descrever as particularidades de cada cooperativa singular.

O tesoureiro esta diretamente ligado a diretoria da cooperativa estando, em geral, em igual patamar ao supervisor. Tem a função de acompanhar toda a movimentação financeira com atenção especial aos recursos de maior liquidez, ou seja, a movimentação caixa. É um cargo de extrema responsabilidade e confiança, principalmente por ser uma “porta” para as tentativas de fraudes tanto internas como externas.

Os cargos de supervisor, analista e agente de atendimento podem apresentar-se com nomenclaturas variadas, entretanto as funções atribuídas aos respectivos cargos são, em geral, as mesmas nas cooperativas singulares estudadas.

O supervisor atende as demanda no nível gerencial (análise de abertura de conta corrente, liberação de empréstimos/financiamentos etc.), como também fica responsável por prospectar novos cooperados visando à entrada de recursos para fomentar as atividades da cooperativa.

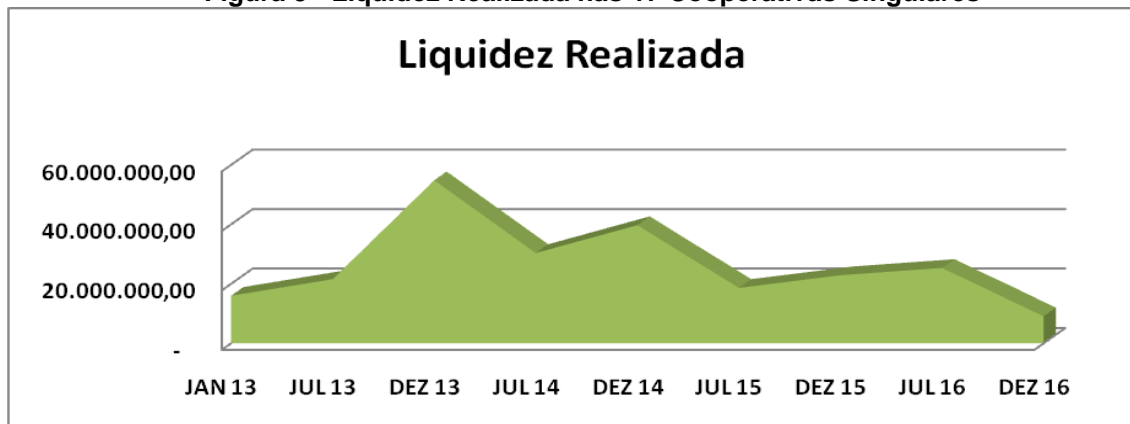
Os cargos de analista e agente de atendimento são os mais operacionais da cooperativa, o analista tem a responsabilidade de considerar as informações referentes às movimentações realizadas subsidiando o supervisor quanto os fatos relevantes (desenvolver relatórios, acompanhar casos de pendências etc.).

Por fim, o agente de atendimento como já diz o nome, é voltado ao atendimento direto aos cooperados associados, tanto no caixa da cooperativa como nos atendimentos pessoais (dúvidas, esclarecimentos sobre pendências, aberturas de conta etc.).

4.2 Dados Financeiros

De acordo com os dados fornecidos pela central de cooperativas de crédito analisada, foram apurados os indicadores de liquidez adotados no sistema, a Figura 3 representa a soma dos valores das 17 cooperativas singulares e a oscilação da liquidez realizada.

Figura 3 - Liquidez Realizada nas 17 Cooperativas Singulares



Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

A metodologia aplicada pelo sistema de cooperativas de crédito estudado utiliza o valor dos depósitos como base para o cálculo do percentual mínimo de liquidez. Para chegar ao resultado apresentado na Figura 3 foram somados os valores mantidos no caixa e na respectiva conta centralizada na cooperativa central, esse montante representa o total líquido alcançado no período. Do total líquido é subtraído 20% da média dos depósitos totais de cada cooperativa singular chegando ao valor da liquidez realizada.

No final de 2015 houve alteração na metodologia da política de controle de liquidez, entretanto neste estudo foi mantida a técnica inicial para adquirir o resultado numa única sistemática.

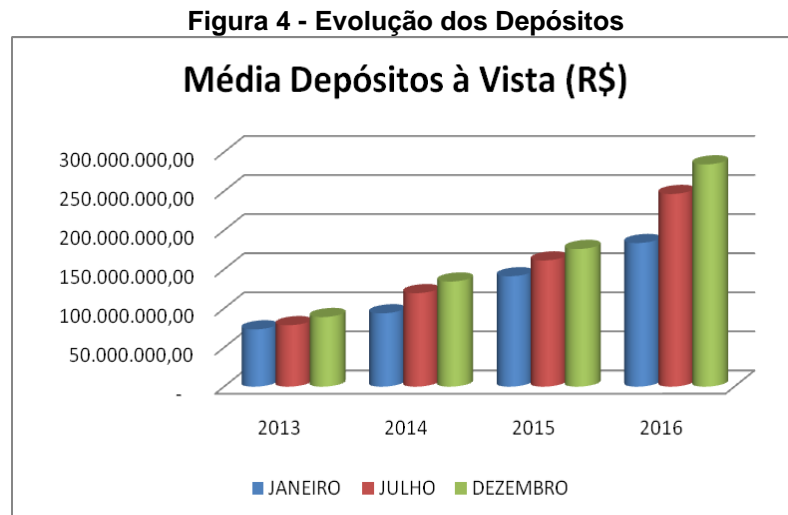
A Figura 3 demonstra que no ano de 2013 houve crescimento elevado no nível da liquidez principalmente no mês de dezembro onde ultrapassou a margem dos R\$ 40.000.000,00, no período estudado esse foi o maior índice de liquidez identificado.

Neste caso a elevação da liquidez representa um alerta de ociosidade de recursos, o que pode caracterizar a ausência da gestão efetiva, ou seja, o estoque não está sendo utilizado para realização de negócios (empréstimos, financiamento etc.).

Nos meses seguintes, de acordo com a Figura 3, é possível verificar que houve oscilação tendendo para redução do nível de liquidez, esse fator pode ser interpretado como o melhor aproveitamento dos recurso para desempenho das atividades fim da cooperativa de crédito.

Na Figura 4 é apresentada a média dos depósitos captados pelas 17 cooperativas singulares analisadas neste estudo. O constante crescimento

observado no período de 2013 a 2016 representa claramente o crescimento do cooperativismo de crédito nessa região assim como é destacado no cenário nacional nos últimos anos.



Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

No ano de 2016 o crescimento fica mais evidente ultrapassando a margem dos R\$ 250.000.000,00, traduzindo para a realidade do Nordeste a mesma já identificada nas regiões sul e sudeste do Brasil sobre a crescente aceitação deste tipo de instituição financeira.

Tabela 2 - Representação dos Depósitos

Média dos Depósitos (R\$)

	2013	2014	2015	2016
JANEIRO	73.263.317,35	93.813.286,44	141.236.009,29	183.753.434,39
JULHO	78.622.327,09	119.615.198,88	161.493.505,71	246.531.349,47
DEZEMBRO	89.045.860,66	134.482.572,24	176.125.413,89	284.376.207,84
TOTAL	240.931.505,10	347.911.057,56	478.854.928,89	714.660.991,70

Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

Na Tabela 2 é possível visualizar numericamente como foi representado o crescimento na captação de depósitos das cooperativas estudadas. Quando comparamos o ano de 2013 ao ano de 2016 fica evidente o crescimento de mais de 50% no total dos depósitos realizados no ano. Essa realidade traduz o aumento de cooperados depositantes como também a opção pela cooperativa de crédito para ser a principal instituição financeira dos seus associados.

Comparativamente a Figura 3 e a Figura 4 reforçam a idéia anteriormente exposta sobre a melhor utilização dos recursos captados. Quando na Figura 3 o ano de 2013 é representado pelo maior nível de liquidez do período, na Figura 4 mostra que nesse mesmo ano a captação de depósitos não havia atingido sua melhor fase, ou seja, mesmo com a menor captação identificada o nível de liquidez apresentou maior elevação, significando que estes recursos foram mantidos nas cooperativas de crédito sem designação efetiva.

Já nos anos seguintes verificamos a elevação dos depósitos e a gradativa redução da liquidez a um nível aceitável e que não representa risco de incapacidade financeira, esse resultado representa que os recursos captados proporcionaram o crescimento do nível de negócios realizados.

Tabela 3 - Carteira de Empréstimo

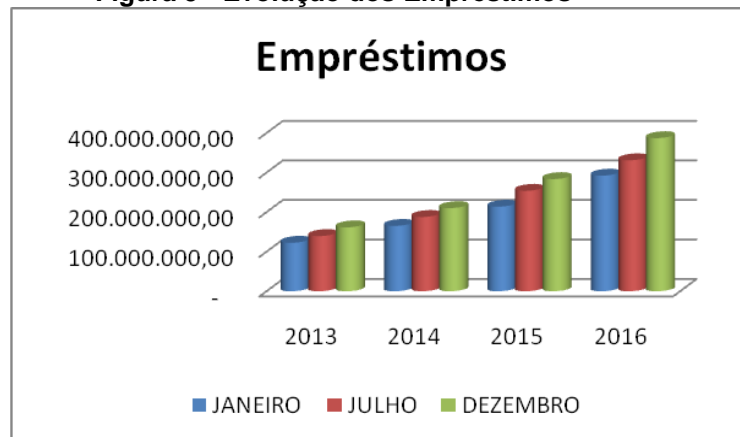
CARTEIRA	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE		
EMPRESTIMOS	2013	122.658.840,06	17491	139.533.418,61	19180	161.591.244,13	19513	7.542,78
	2014	165.207.201,96	19221	187.792.044,89	21134	210.235.191,84	20712	9.223,22
	2015	213.726.159,21	20416	253.949.472,05	23458	283.628.817,89	23081	11.221,04
	2016	292.255.649,16	23029	331.065.625,77	26204	387.131.898,13	27408	13.184,24
TOTAL	793.847.850,39	80157	912.340.561,32	89976	1.042.587.151,99	90714	41.171,27	

Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

Na Tabela 3 esta representado o montante de empréstimos realizados e é importante ressaltar que todas as 17 cooperativas singulares estudadas operam com a linha de crédito de empréstimo como principal operação realizada.

Os dados da Tabela 3 apresentam os valores em reais e a quantidade das operações concedida, e com esses dados podemos observar que a média dos empréstimos concedidos quase duplicou em 2016 quando comparada a 2013, como essa linha de crédito é a principal das cooperativas estudadas esse é um sinal positivo e um dado relevante que pode embasar o gestor na tomada de decisão.

Figura 5 - Evolução dos Empréstimos



Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

De acordo com a Figura 5 pede-se afirmar o evidente crescimento desta linha de crédito que saiu da margem de R\$ 100.000.000,00 em 2013 e ultrapassou os R\$300.000.000,00 em 2016. Esse fato representa que nos 4 anos analisados houve o crescimento de mais de 50% das concessões de empréstimos realizadas no setor cooperativista como também a identificação das vantagens diferenciais que essa instituição financeira pode atribuir.

Tabela 4 - Carteira de Financiamento

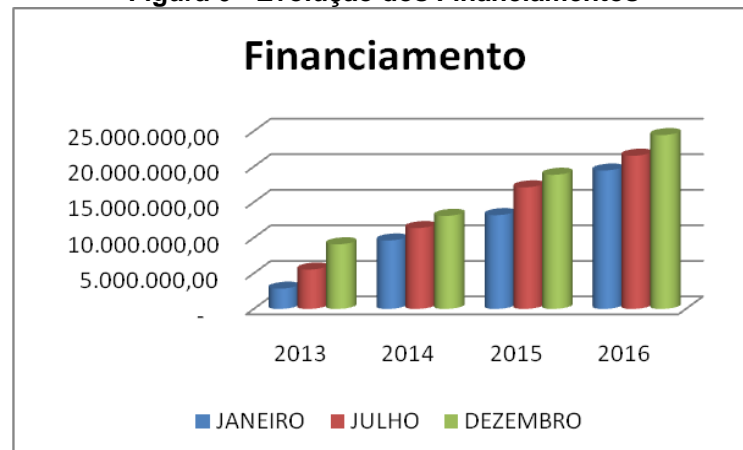
CARTEIRA	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE		
FINANCIAMENTOS	2013	2.854.061,36	78	5.536.910,03	134	9.093.712,56	237	38.941,39
	2014	9.624.736,71	250	11.372.858,70	317	13.087.405,55	375	36.183,65
	2015	13.188.936,73	372	17.101.310,34	509	18.873.396,80	561	34.094,07
	2016	19.471.438,77	575	21.548.517,99	609	24.452.232,15	642	35.855,53
TOTAL	45.139.173,57	1275	55.559.597,06	1569	65.506.747,06	1815	145.074,63	

Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

A linha de crédito de financiamento abrange as operações de compra de veículo novo ou usado, pagamento de seguros, aquisição ou construção da casa própria, tratamento de saúde e apoio educacional.

Das 17 cooperativas de crédito analisadas neste estudo, 11 operam com financiamento e de acordo com a Tabela 4 esta linha de crédito teve maior saída no mês de dezembro nos anos analisados. Essa informação é importante para que sejam adotadas medidas que atraiam os cooperados para esta linha de crédito nos demais meses, a possibilidade de agregar incentivos como taxas mais atrativas pode possibilitar o aumento das saídas e o giro da carteira.

Figura 6 - Evolução dos Financiamentos



Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

Embora a linha de crédito de financiamento não seja a principal com também não esteja disponível em todas as cooperativas analisadas neste estudo, o seu crescimento também é evidente de acordo com a Figura 6. Mesmo com o exorbitante crescimento nos 4 anos analisados, a média de valores dos financiamentos concedidos no ano se manteve na faixa dos R\$30.000,00, entretanto o número de operações teve um aumento de 78 em janeiro de 2013 para 642 em dezembro de 2016.

Esses dados revelam que a tímida participação da linha de crédito de financiamento em 2013 foi superada nos anos seguintes tornando esta carteira a segunda mais importante das cooperativas estudadas.

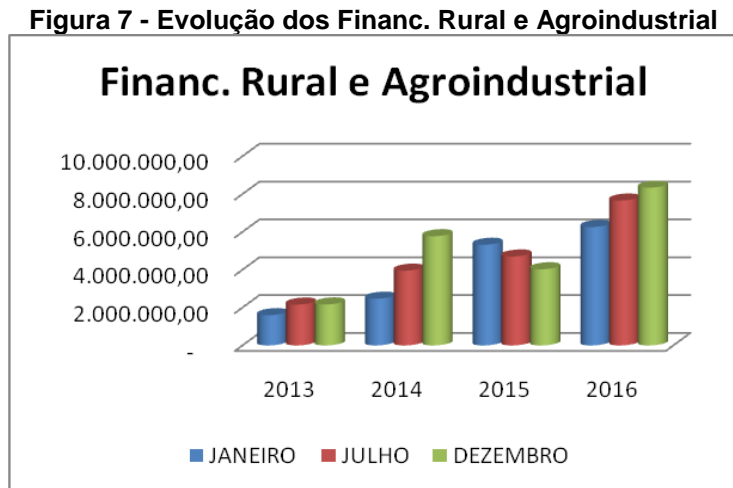
Tabela 5 - Carteira de Financiamento Rural e Agroindustrial

CARTEIRA	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE		
2013	1.600.550,12	28	2.161.000,00	37	2.168.031,52	26	65.160,24	
FINANC. RURAL E	2014	2.473.031,52	31	3.953.443,32	58	5.774.617,32	71	76.256,83
AGROINDUSTRIAL	2015	5.324.617,32	63	4.703.816,52	51	4.028.813,92	43	89.536,61
	2016	6.262.913,92	68	7.660.317,92	101	8.341.416,15	112	79.233,62
TOTAL	15.661.112,88	190	18.478.577,76	247	20.312.878,91	252	310.187,30	

Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

Apenas 3 das 17 cooperativas estudadas operam com financiamento rural e agroindustrial, mesmo assim essa linha de crédito apresentou o relevante crescimento no período estudado tanto no valor médio das operações quanto na quantidade de operações concedidas. Em janeiro de 2013 essa linha de crédito teve

a concessão de 28 operações, enquanto em dezembro de 2016 esse número saltou para 112 operações conforme a Tabela 5.



Fonte: Dados de Pesquisa (2017).

Mesmo com o crescimento identificado no período analisado, no ano de 2015 houve uma redução nas operações concedidas conforme é identificado na Figura 7. Essa redução pode significar a má gestão nessa linha de crédito como também pode significar um período crítico para o ramo rural e agroindustrial.

Pela desenvoltura restabelecida no ano de 2016, podemos intuir que nesse caso tratou-se de uma questão externa que não diz respeito a administração da carteira.

O crescimento verificado tanto na Tabela 5 quanto na Figura 7 pode estar associado ao fato de que as 3 cooperativas singulares que operam com a linha de financiamento rural e agroindustrial, também são as mesmas que tiveram o maior crescimento em número de pontos de atendimento nos anos estudados, e que por se fazerem presentes na maior abrangência longitudinal conseguem elevar essa carteira que tem como principal barreira a área geográfica.

5 CONCLUSÃO

O cooperativismo de crédito no Brasil apresentou um crescimento extraordinário nos últimos anos, embora na região Nordeste esse crescimento tenha sido evidenciado de uma forma mais tímida, ainda sim é possível detectar seu avanço e o aumento da aceitação no decorrer dos anos.

Neste estudo foi possível identificar a ausência de dados acessíveis relativos ao cooperativismo de crédito na região Nordeste como um todo ou mesmo separadamente, os sindicatos desta categoria nos respectivos estados não operam com informações gerenciais e tem uma participação mínima ou nula no que diz respeito aos dados estatísticos que apresentem a real situação do setor.

Tendo base em dados de um dos maiores sistemas que opera também na região nordeste do Brasil, este estudo pode contribuir para o reconhecimento da situação do cooperativismo de crédito no nordeste, em quais estados tem participação efetiva, as características da gestão de uma cooperativa e seu crescimento no período de 2013 a 2016.

A região Nordeste é composta por 10 estados e representa 18% da área geográfica total do Brasil. De acordo com dados do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Brasil possui 190.755.799 habitantes, dos quais 53.081.950 são nordestinos.

A população do Nordeste é a segunda maior do Brasil representando 28% de todo o território nacional, no entanto, a densidade demográfica dessa região é baixa porque ocupa uma extensa faixa territorial.

Nesse sentido as cooperativas de crédito tem grande importância no que diz respeito a dar acessibilidade às atividades financeiras e fomentar a economia nos locais mais distantes aonde os bancos comerciais não apresentam interesse em atuar.

Neste estudo foi possível observar que o cooperativismo de crédito se faz presente em todos os 10 estados do Nordeste e que os 64 pontos de atendimento analisados nesta região representam 39% do total das cooperativas de crédito dos dois maiores sistemas do Brasil.

No período de 2013 a 2016 a central de cooperativas de crédito estudada e suas 17 cooperativas singulares alcançaram a movimentação de R\$ 1.782.358.483,26 em ativos financeiros, esse montante possibilitou a concessão de

260.847 empréstimos e 5.348 financiamentos. Esses números também representam o crescimento gerado para as comunidades onde operam as cooperativas.

Verifica-se, portanto, que o ideal cooperativista tem sido aplicado na região Nordeste do Brasil também através da participação das cooperativas de crédito que permitem o acesso ao mercado financeiro que para muitos era impossível devido às exigências dos bancos comerciais.

Além da conta corrente com taxas reduzidas ou até inexistentes, os cooperados têm acesso a empréstimos para aquisição de bens ou pagamento de dívidas adquiridas. É a oportunidade da organização financeira, através da solidariedade e ajuda mútua.

Para as empresas e os agricultores é uma alternativa para investir em expansão da produção e de serviços através das linhas de empréstimos concedidos com taxas acessíveis. Além disso, os juros pagos para as cooperativas de crédito, por menores que sejam, geram lucro que retornam para os cooperados como dividendos no final do exercício.

Apesar da inexistência de dados mais detalhados, pode-se inferir que as cooperativas de crédito da região Nordeste têm auxiliado aos respectivos municípios no âmbito econômico e social.

A expansão das próprias cooperativas que necessitam de mão-de-obra, e que cada vez mais tem contratado funcionários formados e capacitados, é um exemplo de crescimento e oportunidade principalmente para os jovens de regiões mais afastadas dos grandes centros urbanos.

O crescimento de adeptos das operações de crédito nas cooperativas de crédito do Nordeste identifica a possibilidade de maior consumo, alavancando o comércio da região.

Os benefícios gerados pela impulsão financeira alcançada com as cooperativas de crédito é acima de tudo o ideal cooperativista que almeja a solidariedade e a ajuda mútua no âmbito financeiro no intuito de alcançar o bem-estar social.

REFERÊNCIAS

ALIANÇA COOPERATIVA INTERNACIONAL (ACI). Disponível em:<<http://ica.coop/en/what-co-operative>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

BANCO CENTRAL DO BRASIL (BACEN). Disponível em:<<<https://www.bcb.gov.br/>>>. Acesso em: 05 fev. 2017.

BIALOSKORSKI NETO, Sigismundo. **Aspectos econômicos das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHIAVENATO, Idalberto. **Introdução à teoria geral da administração**. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 1997.

DONALDSON, Lex. Teoria da contingência estrutural. *In*: CLEGG, Stewart. R. *et al.* (Org.). **Handbook de estudos organizacionais: modelo de análise e novas questões em estudos organizacionais**. São Paulo: Atlas, 2007. v.1.

FEBRABAN (Federação Brasileira de Bancos). **Noções de gestão do risco de liquidez e políticas de contingência**. São Paulo: FEBRABAN, 2004.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em:<<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

LASERRE, George. In Meinen, Ênio. **Cooperativismo financeiros: percurso histórico, perspectivas e desafios**. / Ênio Meinem, Marcio Port. – Brasília: Confebras, 2014.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

MARQUES, K. C. M. **Custeio alvo à luz da teoria da contingência e da nova sociologia institucional**: estudo de caso sobre sua adoção, implementação e uso. 2012. 1289 f. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, SP, Brasil. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12136/tde-29012013-190708/en.php>>. Acesso em: 3 mar. 2017.

MEINEN, Ênio. **Cooperativismo financeiros**: percurso histórico, perspectivas e desafios. Brasília: Confedbras, 2014.

MENEZES, Antônio. **Cooperativa de crédito**: o que é e quais seus benefícios. Brasília: CONFEBRÁSs, 2004.

OLIVEIRA, Nestor Braz de. **Cooperativismo**: guia prático. Porto Alegre: Fundação para o Desenvolvimento de Recursos Humanos, 1979.

ORGANIZAÇÃO DAS COOPERATIVAS DO BRASIL (OCB). Disponível em: <<http://www.somoscooperativismo.coop.br/#/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

PAGNUSSATT, Alcenor. **Guia do cooperativismo de crédito** – organização, governança e políticas corporativas. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2004.

PEREIRA, Carlos Alberto. Ambiente, Empresa, Gestão e Eficácia.. In: CATELLI, Armando. **Controladoria Uma Abordagem da Gestão Econômica- GECON**. São Paulo: Atlas, 1999.

PEREIRA, Matias J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

PINHO, Diva Benevides. **A doutrina cooperativa nos regimes capitalista e socialista**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1966.

PINHO, Diva Benevides. **Economia e cooperativismo**. São Paulo: Saraiva, 1977.

PINHO, Diva Benevides. **O Cooperativismo no Brasil**: da vertente pioneira à vertente solidária. São Paulo: Saraiva, 2004.

PORTAL do Cooperativismo Financeiro. Disponível em: <<http://cooperativismodecredito.coop.br/>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

REIS JÚNIOR, Nilson. **Aspectos societários das cooperativas**. Belo Horizonte: Mandamentos, 2006.

SALES, João Edes. Cooperativismo: origens e evolução. **Revista Brasileira de Gestão e Engenharia**. Centro de Ensino Superior de São Gotardo, v. 1, n. 1, p. 23-34, jan./jun. 2010.

SANTOS, João Carlos de Los. **Os 25 anos da retomada do Cooperativismo de Crédito Brasileiro**. Porto Alegre: Imprensa Livre, 2005.

SISTEMA DE COOPERATIVAS DE CRÉDITO DO BRASIL (SICOOB). Disponível em:<<http://sicoob.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

SISTEMA DE CRÉDITO COOPERATIVO (SICREDI). Disponível em:<<https://www.sicredi.com.br/>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

VICENTINO, Cláudio. **Historia geral e do Brasil**: volume único. São Paulo: Scipione, 2001. (Série Parâmetros).

APÊNDICE A - Carteira de Crédito das Cooperativas

COOPERATIVA B		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	-	-	-	-	-	-	-
	2014	-	-	-	-	-	-	-
	2015	-	-	-	-	-	-	-
	2016	-	-	-	-	24.380.591,85	2013	12.111,57
FINANCIAMENTO	-		NÃO POSSUI					
FINANC. R. E AGROIND.	-		NÃO POSSUI					
TOTAL		-	-	-	-	24.380.591,85	2013	12.111,57

COOPERATIVA C		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	23.261.120,95	4350	26.827.439,49	5358	29.201.943,06	5411	5.244,43
	2014	28.456.365,07	4914	32.541.188,72	5950	36.409.873,82	5980	5.782,92
	2015	35.482.998,28	5607	43.192.460,14	7626	44.097.942,92	7051	6.052,72
	2016	42.953.907,56	6767	44.772.646,22	7463	44.491.694,98	6723	6.310,23
FINANCIAMENTO	2013	-	-	-	-	-	-	-
	2014	-	-	-	-	-	-	-
	2015	-	-	-	-	-	-	-
	2016	-	-	5.700,00	1	35.700,00	2	13.800,00
FINANC. R. E AGROIND.	-		NÃO POSSUI					
TOTAL		130.154.391,86	21638	147.339.434,57	26398	154.237.154,78	25167	37.190,29

COOPERATIVA D		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	6.587.061,36	830	7.422.328,03	914	8.441.626,09	902	8.484,89
	2014	8.626.384,55	891	11.246.934,74	1073	11.907.149,09	977	10.806,01
	2015	11.806.927,99	940	14.252.860,60	1072	14.710.081,84	1047	13.327,84
	2016	15.018.045,84	1048	15.964.238,13	1112	16.169.659,06	1088	14.517,22
FINANCIAMENTO	-		NÃO POSSUI					
FINANC. R. E AGROIND.	-		NÃO POSSUI					
TOTAL		42.038.419,74	3709	48.886.361,50	4171	51.228.516,08	4014	47.135,96

COOPERATIVA E		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	5.770.476,40	2878	5.801.774,02	2975	5.804.288,92	2928	1.978,88
	2014	5.881.128,46	2976	6.390.460,09	3468	6.407.102,71	3153	1.946,31
	2015	6.546.498,93	3204	7.371.504,18	3446	7.951.321,06	3361	2.184,53
	2016	8.160.953,95	3414	10.732.989,37	4223	14.100.032,49	4265	2.772,14
FINANCIAMENTO	2013	-	-	-	-	-	-	-
	2014	-	-	-	-	-	-	-
	2015	-	-	-	-	-	-	-
	2016	-	-	-	-	1.087.863,35	31	35.092,37
FINANC. R. E AGROIND.	-		NÃO POSSUI					
TOTAL		26.359.057,74	12472	30.296.727,66	14112	35.350.608,53	13738	43.974,22

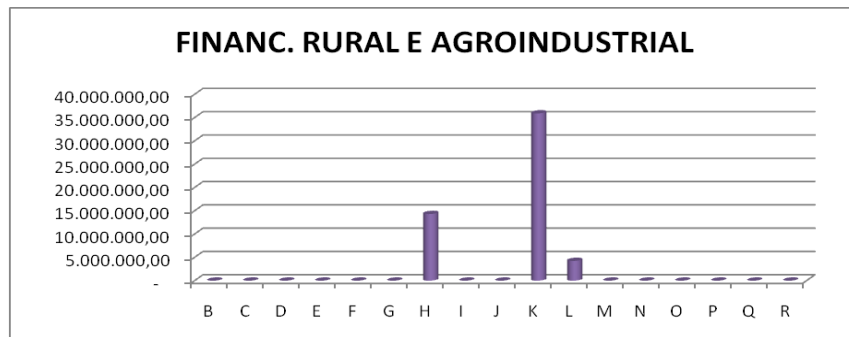
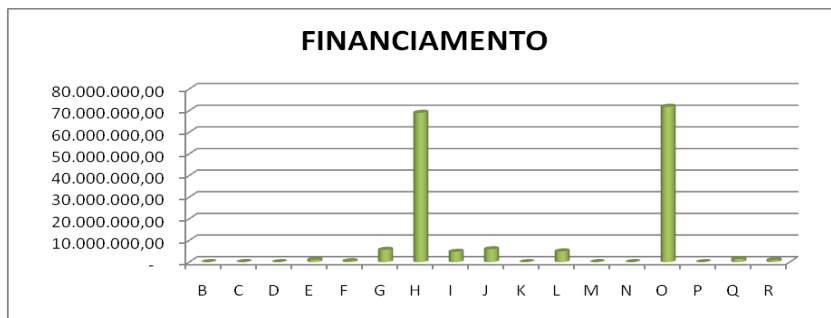
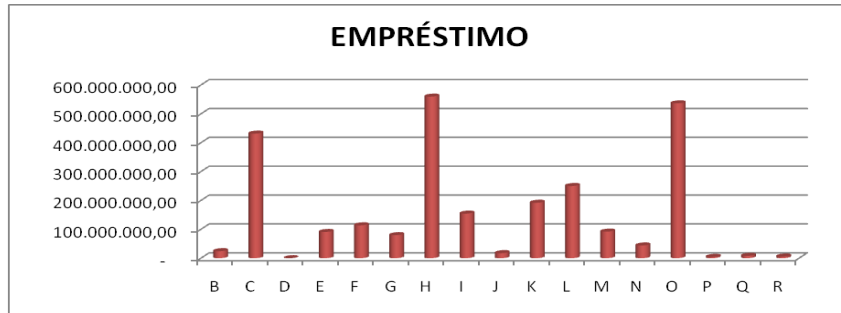
COOPERATIVA F		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	6.006.503,43	1035	6.508.581,85	1040	7.055.284,28	939	6.493,16
	2014	7.200.530,07	919	8.063.020,38	1021	8.350.212,44	894	8.332,31
	2015	8.335.753,99	846	9.597.438,63	982	11.712.000,36	1044	10.322,14
	2016	12.027.880,99	1027	13.710.414,39	1159	15.351.759,57	1189	12.174,83
FINANCIAMENTO	2013	81.972,98	4	81.972,98	4	66.581,07	3	20.957,00
	2014	66.581,07	3	66.581,07	3	66.581,07	3	22.193,69
	2015	20.816,48	1	-	0	-	0	20.816,48
	2016	-	-	-	-	-	-	-
FINANC. R. E AGROIND.	-		NÃO POSSUI					
TOTAL		33.740.039,01	3835	38.028.009,30	4209	42.602.418,79	4072	101.289,61

COOPERATIVA G		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	3.902.792,51	364	4.669.638,54	409	4.394.448,61	363	11.414,51
	2014	4.691.739,79	387	5.681.453,14	425	5.385.757,58	393	13.077,97
	2015	5.509.507,11	428	6.167.176,60	504	7.535.011,31	565	12.833,46
	2016	8.247.989,35	617	11.381.190,27	882	12.293.385,13	882	13.407,21

	2013	266.777,95	5	419.377,95	10	450.377,95	11	43.712,84
FINANCIAMENTO	2014	450.377,95	11	531.707,95	15	550.707,95	15	37.385,22
	2015	513.507,95	14	559.507,95	16	440.880,00	14	34.406,73
	2016	439.880,00	14	544.330,00	16	521.680,00	16	32.736,74
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		24.022.572,61	1840	29.954.382,40	2277	31.572.248,53	2259	198.974,67
COOPERATIVA H	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)		QTDE
EMPRETIMO	2013	19.058.114,00	1931	26.000.873,12	2371	34.522.862,21	2968	10.946,61
	2014	35.952.672,63	3038	38.365.886,71	3373	43.575.828,22	3463	11.939,88
	2015	43.908.801,07	3480	53.474.482,54	4295	58.301.668,47	4478	12.705,86
	2016	58.714.356,58	4483	70.551.687,33	5073	77.348.929,55	5177	14.023,96
FINANCIAMENTO	2013	521.445,00	16	2.143.552,05	52	4.079.320,14	128	34.409,78
	2014	4.230.190,14	135	4.738.511,87	167	5.049.921,08	187	28.667,94
	2015	4.964.671,08	180	7.049.344,97	281	8.114.832,00	314	25.972,71
	2016	8.255.037,29	319	9.584.269,52	332	10.305.560,47	343	28.314,76
FINANC. R. E AGROIND.	2013	550,12	1	1.000,00	1	443.031,52	6	55.572,71
	2014	443.031,52	6	1.473.443,32	29	1.674.617,32	33	52.810,18
	2015	1.674.617,32	33	1.153.816,52	23	1.208.813,92	23	51.104,40
	2016	1.162.913,92	22	2.560.317,92	55	2.511.357,92	54	47.592,29
TOTAL		178.886.400,67	13644	217.097.185,87	16052	247.136.742,82	17174	374.061,07
COOPERATIVA I	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)		QTDE
EMPRETIMO	2013	10.746.713,61	996	11.739.995,94	1012	12.706.459,07	1013	11.649,51
	2014	13.246.360,70	1112	13.268.193,61	1130	13.505.484,14	1051	12.153,06
	2015	13.694.378,36	1140	12.153.700,24	1140	12.773.209,46	997	11.785,56
	2016	13.244.010,85	1079	13.880.715,54	1075	13.632.779,55	1072	12.634,07
FINANCIAMENTO	2013	324.012,32	2	324.012,32	2	307.800,23	1	191.164,97
	2014	307.800,23	1	340.480,73	2	389.968,78	3	173.041,62
	2015	389.968,78	3	439.614,10	5	439.614,10	5	97.630,54
	2016	439.614,10	5	488.637,10	6	577.470,60	8	79.248,52
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		52.392.858,95	4338	52.635.349,58	4372	54.332.785,93	4150	589.307,85
COOPERATIVA J	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)		QTDE
EMPRETIMO	2013	-	0	50.188,83	18	506.538,87	79	5.739,46
	2014	559.202,90	111	1.206.709,06	317	1.567.596,38	378	4.135,87
	2015	1.736.552,50	400	2.046.205,28	472	3.107.044,42	544	4.865,68
	2016	3.123.644,93	561	3.746.042,62	588	-	0	5.978,84
FINANCIAMENTO	2013	-	0	-	0	276.673,35	6	46.112,23
	2014	347.473,35	9	529.473,35	14	661.773,35	17	38.468,00
	2015	697.773,35	18	842.173,35	23	745.973,35	22	36.284,45
	2016	848.473,35	25	1.012.673,35	28	-	0	35.115,98
FINANC. R. E AGROIND.	2013			NÃO POSSUI				
TOTAL		7.313.120,38	1124	9.433.465,84	1460	6.865.599,72	1046	176.700,49
COOPERATIVA K	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)		QTDE
EMPRETIMO	2013	9.625.241,50	419	9.563.528,38	388	11.858.080,82	380	26.155,73
	2014	12.022.881,19	384	12.152.893,95	373	13.500.606,31	381	33.107,54
	2015	14.280.613,17	387	16.950.827,85	439	20.177.177,52	520	38.193,62
	2016	20.789.745,19	515	22.300.001,37	609	28.917.561,25	690	39.695,32
FINANCIAMENTO	-			NÃO POSSUI				
	2013	1.000.000,00	18	1.560.000,00	27	945.000,00	12	61.491,23
	2014	1.250.000,00	17	1.200.000,00	17	4.000.000,00	36	92.142,86
	2015	3.550.000,00	28	3.550.000,00	28	2.820.000,00	20	130.526,32
2016	5.100.000,00	46	5.100.000,00	46	5.830.058,23	58	106.867,05	
TOTAL		67.618.481,05	1814	72.377.251,55	1927	88.048.484,13	2097	528.179,67
COOPERATIVA L	JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA	
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)		QTDE
EMPRETIMO	2013	10.536.431,79	595	14.094.522,06	541	15.991.966,30	546	24.151,56
	2014	16.556.442,64	553	17.401.887,68	607	18.925.008,91	633	29.494,33
	2015	19.974.564,78	629	23.156.678,21	713	26.671.456,09	783	32.848,33
	2016	28.030.332,06	799	26.643.070,98	855	32.276.032,69	903	34.004,47
FINANCIAMENTO	2013	-	-	-	-	-	-	-

	2014	-	-	144.569,00	4	312.088,97	10	32.618,43
	2015	388.234,86	11	474.715,50	13	684.000,68	15	39.665,41
	2016	742.211,88	16	983.618,43	22	1.251.515,62	28	45.111,30
	2013	600.000,00	9	600.000,00	9	780.000,00	8	76.153,85
FINANC. R. E AGROIND.	2014	780.000,00	8	1.280.000,00	12	100.000,00	2	98.181,82
	2015	100.000,00	2	-	-	-	-	50.000,00
	2016	-	-	-	-	-	-	-
TOTAL		77.708.218,01	2622	84.779.061,86	2776	96.992.069,26	2928	462.229,50
COOPERATIVA M		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
	2013	7.341.700,02	825	7.821.428,81	840	7.645.922,35	787	9.302,22
EMPRETIMO	2014	7.701.326,26	782	7.911.035,36	776	8.075.184,10	751	10.258,79
	2015	8.119.496,65	756	8.297.291,19	758	7.669.132,71	663	11.063,81
	2016	7.576.207,71	663	7.138.664,82	601	6.831.322,95	575	11.716,26
FINANCIAMENTO	-			NÃO POSSUI				
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		30.738.730,64	3026	31.168.420,18	2975	30.221.562,11	2776	42.341,08
COOPERATIVA N		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
	2013	4.989.182,81	2879	5.109.555,33	2901	5.224.884,14	2771	1.792,03
EMPRETIMO	2014	5.160.212,92	2733	4.138.505,28	2096	4.339.503,69	2090	1.971,13
	2015	4.251.459,42	2024	2.871.771,47	1360	2.660.310,64	1212	2.128,71
	2016	2.641.156,08	1183	2.804.232,50	1220	-	-	2.266,08
FINANCIAMENTO	-			NÃO POSSUI				
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		17.042.011,23	8819	14.924.064,58	7577	12.224.698,47	6073	8.157,94
COOPERATIVA O		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
	2013	14.833.501,68	389	13.923.564,21	413	18.236.939,41	426	38.268,73
EMPRETIMO	2014	19.151.954,78	421	29.423.876,17	525	38.285.884,45	568	57.372,34
	2015	40.078.606,96	575	54.417.075,12	651	65.526.717,72	761	80.534,68
	2016	70.779.688,31	786	81.689.839,26	918	90.355.771,50	1024	89.012,21
	2013	1.659.853,11	51	2.567.994,73	66	3.912.959,82	88	39.711,26
FINANCIAMENTO	2014	4.222.313,97	91	5.021.534,73	112	6.056.364,35	140	44.607,04
	2015	6.213.964,23	145	7.735.954,47	171	8.428.096,67	190	44.225,33
	2016	8.516.590,15	189	8.102.199,37	181	9.384.031,09	183	47.021,38
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		165.456.473,19	2647	202.882.038,06	3037	240.186.765,01	3380	440.752,95
COOPERATIVA P		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
	2013	-	-	-	-	-	-	-
EMPRETIMO	2014	-	-	-	-	-	-	-
	2015	-	-	-	-	611.114,58	34	17.973,96
	2016	689.891,83	40	1.368.575,35	91	1.829.941,95	150	13.837,75
FINANCIAMENTO	-			NÃO POSSUI				
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		689.891,83	40	1.368.575,35	91	2.441.056,53	184	31.811,71
COOPERATIVA Q		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
	2013	-	-	-	-	-	-	-
EMPRETIMO	2014	-	-	-	-	-	-	-
	2015	-	-	-	-	124.628,79	21	5.934,70
	2016	257.837,93	47	1.925.583,14	167	5.915.186,94	1437	4.905,27
	2013	-	-	-	-	-	-	-
FINANCIAMENTO	2014	-	-	-	-	-	-	-
	2015	-	-	-	-	20.000,00	1	20.000,00
	2016	229.632,00	7	467.799,50	16	721.120,30	22	31.523,37
FINANC. R. E AGROIND.	-			NÃO POSSUI				
TOTAL		487.469,93	54	2.393.382,64	183	6.780.936,03	1481	62.363,35
COOPERATIVA R		JANEIRO		JULHO		DEZEMBRO		MÉDIA
		VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	VALOR (R\$)	QTDE	
EMPRETIMO	2013	-	-	-	-	-	-	-
	2014	-	-	-	-	-	-	-

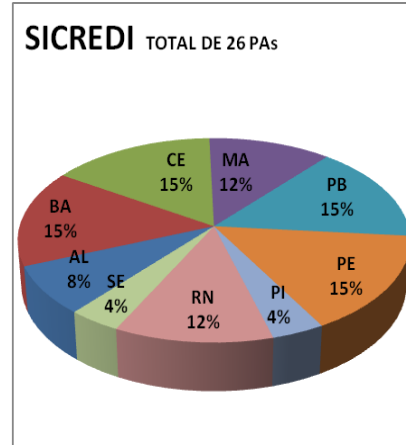
	2015	-	-	-	-	-	-
	2016	-	-	2.455.734,48	168	3.237.248,67	14.672,64
	2013	-	-	-	-	-	-
	2014	-	-	-	-	-	-
FINANCIAMENTO	2015	-	-	-	-	-	-
	2016	-	-	359.290,72	7	567.290,72	57.911,34
FINANC. R. E AGROIND.	-	NÃO POSSUI					
TOTAL		-	-	2.815.025,20	175	3.804.539,39	72.583,98



APÊNDICE B - Pontos de Atendimento por Estado

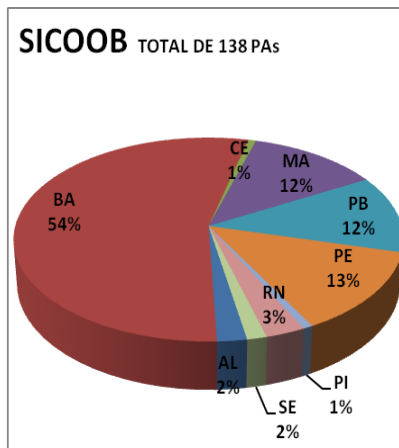
SICREDI

AL	2	8%
BA	4	15%
CE	4	15%
MA	3	12%
PB	4	15%
PE	4	15%
PI	1	4%
RN	3	12%
SE	1	4%
26		100%



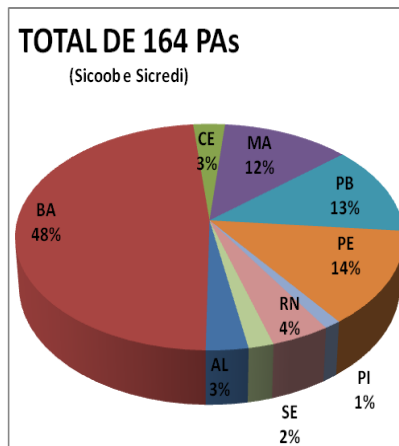
SICOOB

AL	3	2%
BA	75	54%
CE	1	1%
MA	17	12%
PB	17	12%
PE	18	13%
PI	1	1%
RN	4	3%
SE	2	1%
138		100%



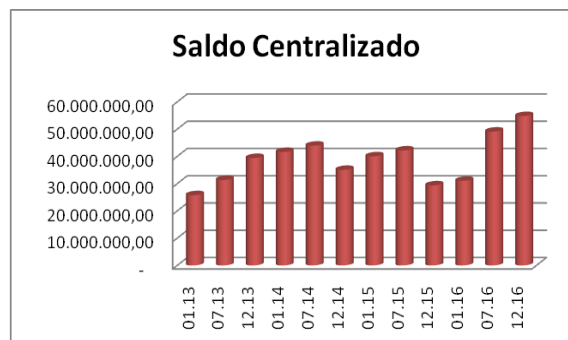
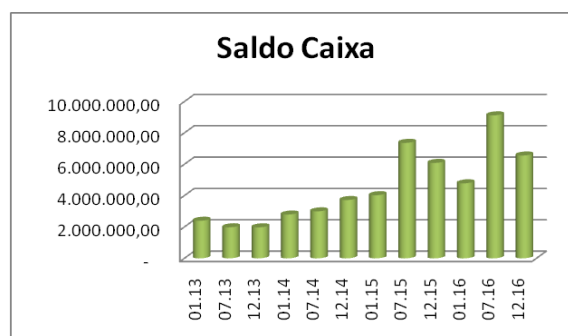
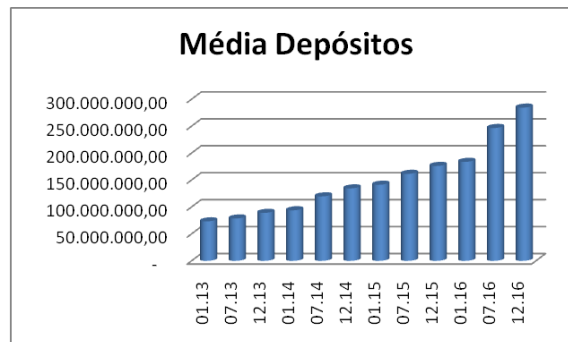
TOTAL

AL	5	3%
BA	79	48%
CE	5	3%
MA	20	12%
PB	21	13%
PE	22	13%
PI	2	1%
RN	7	4%
SE	3	2%
164		100%



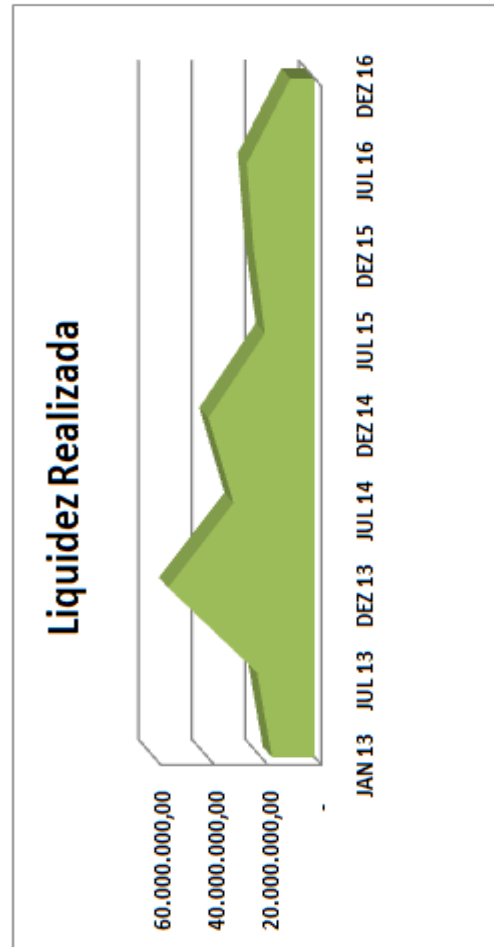
APÊNDICE C - Dados para Cálculo da Liquidez

	Média Depósitos	Saldo Caixa	Saldo Conta Centralizada
01.13	73.263.317,35	2.399.657,83	25.785.859,09
07.13	78.622.327,09	1.981.116,21	31.382.602,69
12.13	89.045.860,66	1.978.600,74	39.435.873,53
01.14	93.813.286,44	2.796.245,94	41.644.665,96
07.14	119.615.198,88	2.998.074,13	43.952.302,91
12.14	134.482.572,24	3.721.333,11	35.072.419,97
01.15	141.236.009,29	4.027.265,04	40.050.909,28
07.15	161.493.505,71	7.368.102,97	42.208.976,10
12.15	176.125.413,89	6.087.946,12	29.393.166,74
01.16	183.753.434,39	4.786.895,60	31.066.345,29
07.16	246.531.349,47	9.121.994,69	49.121.740,00
12.16	284.376.207,84	6.563.257,85	54.818.392,37
TOTAL	1.782.358.483,26	53.830.490,23	463.933.253,93



APÊNDICE D - Dados por Cooperativa para Cálculo da Liquidez

	JAN 13	JUL 13	DEZ 13	JAN 14	JUL 14	DEZ 14	JAN 15	JUL 15	DEZ 15	JAN 16	JUL 16	DEZ 16
A	15.976.068,50	21.570.369,84	54.841.014,02	30.368.918,93	39.738.238,28	18.621.367,24	22.892.772,93	25.353.053,21	9.062.300,78	8.290.225,73	21.264.032,27	18.725.219,04
B	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
C	1.522.259,17	375.304,84	1.507.296,94	460.311,07	1.113.058,79	293.326,93	1.113.790,60	-	84.803,88	118.717,92	3.234.720,01	5.938.707,40
D	65.951,78	928.456,34	905.369,66	1.027.413,18	1.742.621,64	259.046,98	1.679.354,51	-	220.633,48	203.294,92	354.600,88	1.774.240,56
E	62.945,94	614.715,59	-	28.425,41	1.277.717,41	1.445.397,89	1.106.928,73	1.157.584,47	2.083.879,39	1.641.626,56	165.111,22	1.841.228,78
F	476.984,47	195.661,72	-	6.009,16	137.882,32	11.916.316,39	2.116,77	67.843,19	-	40.151,87	184.807,45	40.778,63
G	2.449.241,06	-	9.197,13	460.098,52	652.151,90	1.629.129,24	1.711.041,89	242.305,53	-	218.447,31	627.003,85	429.875,43
H	3.298.580,79	1.218.278,68	29.329.488,69	1.908.096,24	14.335.598,48	1.533.228,23	2.809.783,05	613.549,55	-	958,02	3.257.694,72	-
I	448.313,98	2.319.780,76	-	1.774.178,20	-	1.123.835,71	1.672.828,53	2.005.870,20	2.576.059,52	2.434.890,04	707.620,36	1.907.520,09
J	-	918.273,66	4.005.494,40	446.703,50	1.157.584,47	525.240,00	386.497,71	1.909.495,28	1.016.176,45	380.641,73	159.142,43	-
K	795.879,46	2.919.388,60	595.767,37	4.171.873,36	-	34.015,33	5.286.258,92	5.779.892,70	6.852.455,32	2.453.383,82	5.106.753,23	4.148.092,75
L	41.535,03	572.271,39	33.717,58	359.721,57	614.886,41	1.018.021,00	-	58.763,73	4.078.813,99	-	483.682,35	-
M	1.815.399,24	18.692,64	1.484.520,01	8.446,37	1.909.495,28	182.272,65	99.912,44	123.760,52	217.074,84	237.230,37	652.256,30	685.675,88
N	4.988.977,58	1.437.717,58	16.313.826,13	1.545.257,16	4.078.813,99	1.501.273,65	1.508.809,66	1.099.250,37	686.747,70	863.793,20	513.180,20	-
O	-	10.061.025,17	239.869,27	16.599.166,66	1.099.250,37	3.740.306,64	6.483.590,01	7.915.860,19	-	2.317.926,86	8.420.227,52	5.895.553,19
P	-	-	-	-	-	-	-	-	441.759,37	263.872,63	43.920,96	-
Q	-	-	-	-	-	-	-	-	1.277.955,69	1.103.384,94	545.732,68	384.266,15
R	-	-	-	-	-	-	-	-	856.399,73	838.018,60	1.226.631,81	2.057.582,66





Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Finanças e Contabilidade
Curso de Ciências Contábeis
Comissão de TCC



FORMULÁRIO X

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE

Por este termo, eu, abaixo assinado, assumo a responsabilidade de autoria do conteúdo do referido Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: Cooperativas de crédito: Mapeamento das características Demográficas, Gerenciais e financeiras na região Nordeste do Brasil.

estando ciente das sanções legais previstas referentes ao plágio. Portanto, ficam, a instituição, o orientador e os demais membros da banca examinadora isentos de qualquer ação negligente da minha parte, pela veracidade e originalidade desta obra.

João Pessoa, 30 de maio de 2017.

Autor(a): Kyzzu Almeida Barbosa

Assinatura (legível)



Universidade Federal da Paraíba
Centro de Ciências Sociais Aplicadas
Departamento de Finanças e Contabilidade
Curso de Ciências Contábeis
Comissão de TCC



FORMULÁRIO VIII

AUTORIZAÇÃO DO AUTOR PARA A PUBLICAÇÃO DO TRABALHO

Autorizo a Comissão de TCC do Curso de Ciências Contábeis do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da UFPB a publicar o Trabalho de Conclusão de Curso de minha autoria, intitulado:

Cooperativas de Crédito: Mapeamento das características Demográficas, Gerenciais e financeiras na região Nordeste do Brasil.

na página (site) e/ou revista institucional após as modificações que se fizerem necessárias para tal fim.

Ressalvo que esta autorização não se estende à divulgação de dados considerados confidenciais pela (s) empresa (s) ou instituição(ões) em que a coleta de dados foi realizada.

João Pessoa, 30 de maio de 2017.

Assinatura do aluno

Nome: Kyzz Almeida Barbosa

Endereço: Rua Abdias Gomes de Almeida, 855
Tambauzinho - Apto 401

Telefone(s): 99654-9390

E-mail: kyzzalmeida@gmail.com